



TV MULHER: A TELEVISÃO COMO LUGAR DE MEMÓRIA

Flávio Porcello*
Francielly Brites**

Resumo: Este artigo reflete a importância da televisão na construção da memória sobre a representação feminina e parte de reflexões referentes à memória, relações de gênero e sobre o papel social da televisão. Buscamos compreender de que forma a televisão constrói a memória sobre a representação feminina, através do programa TV Mulher, e problematizamos a sua importância como lugar de memória. Nosso corpus foi delimitado em edições do TV Mulher de 1980 e de seu remake em 2016. O material foi investigado a partir da Análise de Conteúdo (BARDIN, 2016) e da Análise do Modo de Endereçamento (GOMES, 2011). Na fundamentação teórica, utilizamos, entre outros, os conceitos de Joan Ferrés (1998), Marialva Barbosa (1995) e Pierre Nora (1993). Os resultados mostram que a televisão constrói a memória do Brasil ao registrar a realidade da sociedade e por seus conteúdos poderem ser revisitados em diferentes épocas, constituindo-se em um lugar de memória.

Palavras-chave: Televisão. Jornalismo. Memória. Representação feminina. TV Mulher.

Abstract: This study reflects on the importance of the television for the memory construction about the female representation, considering the reflections about memory, gender relations and the social role of the television. We aim to understand how the television construct the memory about the female representation on a tv show called TV Mulher - Woman TV, in English - and we problematize its importance as a memory place. We studied tv programs of TV Mulher in 1980 and 2016, with an updated version. We investigated it from the Content Analysis (BARDIN, 2016) and the Analysis of Addressing Modes (GOMES, 2011) perspectives. As theoretical contribution we brought concepts explored by authors like Joan Ferrés (1998), Marialva Barbosa (1995) and Pierre Nora (1993). The results showed television constructs Brazil's memory when it registers the social reality, and its contents can be revisited in different times, constituting, itself, a place of memory.

Keywordse: Television. Journalism. Memory. Female representation. TV Mulher.

* Jornalista diplomado pela UFRGS, Doutor em Comunicação pela PUCRS, professor de Telejornalismo no curso de Jornalismo da UFRGS.

E-mail: flavio.porcello@ufrgs.br

** Jornalista diplomada pela PUCRS, Mestra em Comunicação e Informação pela UFRGS, especialista em Televisão e Convergência Digital pela Unisinos, produtora na RBS TV.

E-mail: francielly.costa@acad.pucrs.br

DOI: 10.19177/memorare.v5e3201886-100

1. Introdução

A luta das mulheres brasileiras por uma sociedade igualitária foi documentada por revistas femininas que ajudam a contar os dilemas e obstáculos enfrentados por elas. Na década de 1960, quando a revista *Realidade*, da Editora Abril, traçava um perfil sobre a mulher, nem todos possuíam acesso a ela, ainda mais naquela época marcada pela ditadura militar. Anos mais tarde, a revista *Cláudia* também levaria o tema às bancas. Mas, foi em 1980, que as mulheres ganharam voz na televisão. O que antes alcançava um nicho, em sua maioria de classe alta, a partir dali poderia atingir uma população de massa.

Foi dessa forma que o *TV Mulher* apresentou temas considerados tabus, como o divórcio, o aborto e a inserção feminina no mercado de trabalho nas manhãs da Rede Globo. A partir de sua importância social, ao provocar suas telespectadoras a refletirem sobre seu lugar na sociedade, nos questionamos sobre a lacuna existente nos estudos de memória sobre a representação feminina, principalmente, relacionados à televisão.

A partir disso, dispomo-nos a olhar para o passado através da televisão para compreendermos a construção da memória sobre a representação feminina. Para tanto, nosso objeto de estudo é o *TV Mulher*, da *Rede Globo*, na década de 1980, e seu *remake* em 2016, exibido no *Canal Viva*. Escolhemos este programa por apresentar um resgate histórico do Brasil em uma época de transformações políticas e sociais 20 anos após o fim da ditadura militar.

Abordar este assunto é relevante porque o Brasil vive uma nova instabilidade política, reforçando a importância de olharmos para o passado para compreendermos a sociedade atual. Exemplo disso, no dia 29 de setembro de 2018, mulheres foram às ruas protestar, através do movimento “#elenão”, contra o candidato à presidência da república, Jair Bolsonaro, em razão de suas declarações que ameaçam os direitos das mulheres.

A democracia no Brasil é tão jovem quanto os direitos básicos das mulheres, como o voto, o divórcio, a carteira de trabalho e seu lugar na sociedade atual. Por isso, elas devem ser vigilantes para que os direitos conquistados não sejam perdidos, ainda mais neste momento em que ocupam posições de protagonismo em suas casas e empresas, mas ainda sofrem com a violência de gênero.

O *TV Mulher* foi referência em 1980, causando polêmicas e debates por mostrar as reivindicações e o perfil da mulher da época, que estava em fase de transição. A televisão ocupou o papel de socializar o conhecimento e de construir a realidade para seu público (MEDITSCH, 2010). Através desse programa, as mulheres puderam discutir inquietações e, novamente, a televisão exerceu a função social do jornalismo “[...] de orientar o homem e a sociedade num mundo real” (PARK, 2008, p. 51).

Três décadas depois, o programa voltou ao ar para refletir o protagonismo que a mulher vive na sociedade de hoje. Com a *internet*, grupos feministas passaram a publicar conteúdos sobre essa luta ainda alheia por parte das mulheres, que, inclusive, desconhecem o significado da palavra feminismo, acreditando, por vezes, que seja o oposto de machismo. Por mais que essas informações sejam compartilhadas e o empoderamento se faça cada vez mais presente, o programa, exibido em 2016, revelou dados que mostram a desigualdade de gênero em todos os âmbitos sociais, principalmente quando o tema é violência.

Reconhecendo a importância dessas discussões e acreditando na evocação da memória para refletirmos o passado e não repetirmos erros no futuro, propomos, neste artigo, compreender a importância da televisão na construção da memória sobre a representação feminina. O objetivo geral é entender de que forma o *TV Mulher* constrói a memória sobre a representação feminina e os objetivos específicos buscam:

- a) Verificar semelhanças e diferenças nas abordagens dos temas explorados pelo *TV Mulher* na década de 1980 e em 2016;
- b) Compreender de que forma o *TV Mulher* se relaciona com a audiência;
- c) Investigar elementos que indiquem a importância da televisão como um lugar de memória.

Através deste posicionamento, faremos uma revisão bibliográfica sobre televisão e memória. Em seguida, partiremos para a descrição das metodologias utilizadas e, por fim, apresentaremos nossos resultados e considerações finais com o intuito de instigarmos novos estudos sobre memória e televisão.

2. Televisão e memória

A audiência da televisão brasileira se interessa por conteúdos que recordam décadas passadas. Exemplo disso é o sucesso de rememorações como o *Vale a pena ver de novo* (espaço para exibição de novelas antigas no ar desde 1980), *Vídeo Show* (programa que relembra atrações desde 1983), minisséries e a criação do *Canal Viva* (2010), que é especializado em exibir cenas de arquivo e *remakes* de programas exibidos na *Rede Globo*.

Essa tendência se explica a partir da “neotelevisão” (ECO, 1984) que se refere à televisão falar de si mesma em uma classificação de Umberto Eco sobre duas fases: a “paleotelevisão” e a “neotelevisão”. De acordo com o autor, a “paleotelevisão” marcou o início do veículo em que o objetivo era mostrar cenas mais próximas da realidade, enquanto a “neotelevisão” explorava um discurso sobre si mesma e sobre seu contato com o público, valorizando bastidores e a sensação de realidade por reforçar o “estar presente”.

O *Memória Globo*, lançado em 2008, também é um exemplo da valorização da memória pela emissora, uma vez que traz um conjunto de informações e vídeos de atrações exibidas antigamente. De acordo com Musse e Thomé (2016), o site constrói a memória da televisão e cativa os telespectadores através da memória afetiva.

O *TV Mulher* é o objeto empírico desta pesquisa por possuir dois elementos importantes para os estudos de memória. O primeiro deles vem ao encontro do pensamento de Vizeu (2009), que considera a televisão um lugar de referência por contribuir para que a audiência compreenda o mundo, consistindo-se em um espaço pedagógico, informativo e de entretenimento.

Na década de 1980, o programa debateu questões importantes sobre a mulher na sociedade, e, hoje, esses registros nos ajudam a compreender as discussões e as barreiras enfrentadas pelo público feminino. Em um segundo momento, destacamos que a própria emissora viu nesse conteúdo a oportunidade de explorá-lo em forma de *remake*, 30 anos após sua exibição, no *Canal Viva*. Por último, oferecendo uma narrativa marcada pela inserção de fragmentos de memória em contraste com informações contemporâneas.

Em sua primeira exibição, o *TV Mulher* esteve no ar, diariamente, de 7 de abril de 1980 a 27 de junho de 1986. Era constituído por quadros temáticos com especialistas e tinha um espaço dedicado a entrevistas com personalidades. O programa também explorava assuntos até então considerados masculinos, como economia e noticiário internacional.

[...] A TV Globo preencheu o vazio cultural e político da população brasileira nos momentos em que as manifestações eram reprimidas com uma programação moderna, típica de realidades urbanas. Era o novo; novos padrões de comportamento, de consumo, de lazer, dentre outros. Mais tarde a novidade é o teor de contestação de diversos segmentos sociais permeando várias falas dos personagens “globais”. (LUZ, 1988, p. 180).

Em 2016, voltou com 10 episódios, exibidos de 31 de maio a 2 de agosto de 2016, em formato semelhante, inclusive com a mesma temática e apresentadora (Marília Gabriela). Mas, dessa vez, era apresentado semanalmente à noite em canal pago. O *TV Mulher* também foi o primeiro programa a voltar a ser exibido após três décadas.

Ao refletirmos sobre como a audiência recebe esses conteúdos rememorados, retomamos o pensamento de Charaudeau (2013) no que compreendemos que cada telespectador assimila o que assiste de um jeito único, devido ao seu histórico e à forma com a qual se relaciona com determinado tema.

Mas a imagem produz igualmente um efeito de evocação. Ela desperta, em nossa memória pessoal e coletiva, lembranças de experiências passadas sob a forma de outras imagens [...]. Esse poder de evocação da imagem vem perturbar seu efeito de transparência, pois interpretamos e sentimos a imagem, ao mesmo tempo, através da maneira pela qual ela nos é mostrada e através de nossa própria história individual ou coletiva (CHARAUDEAU, 2013, p. 255).

Nesse sentido, interseccionamos essa percepção com o “pensamento associativo”, apresentado por Ferrés (1998, p. 51), que se refere a um conteúdo poder despertar associações positivas ou negativas e a “transferência”, que consiste em uma falsa atribuição.

A televisão ser o “reino das emoções”, característica que potencializa a sua “capacidade socializadora” (FERRÉS, 1998, p. 57), também é importante para o nosso estudo, uma vez que “Tudo na televisão contribui para a hipertrofia das emoções. Não apenas as histórias; também os personagens, a entrada em cena, os recursos formais, as músicas e efeitos sonoros... [...]” (FERRÉS, 1998, p. 57).

Também partimos do conceito de Pierre Nora (1993), que considera possível a “memória” ser representada por versões da imprensa que, ao serem divulgadas, passam a ser a “memória” desses acontecimentos. Assim, os conteúdos de televisão, rádio e jornal são entendidos como lugares de memória (NORA, 1993). O autor ressalta que para ser um lugar de

memória é preciso ter efeito nos “[...] três sentidos da palavra, material, simbólico e funcional [...]” (NORA, 1993, p. 21). Isso quer dizer que, diferente da história, a memória não se delimita a acontecimentos, mas ao que é concreto:

[...] Porque, se é verdade que a razão fundamental de ser de um lugar de memória é parar o tempo, é bloquear o trabalho do esquecimento, fixar um estado de coisas, imortalizar a morte, materializar o imaterial para – o ouro é a única memória do dinheiro – prender o máximo de sentido num mínimo de sinais, é claro, e é isso que os torna apaixonantes: que os lugares de memória só vivem de sua aptidão para a metamorfose, no incessante ressaltar de seus significados e no silvado imprevisível de suas ramificações. (NORA, 1993, p. 22).

Musse e Thomé (2016), por exemplo, consideram a imprensa como um “lugar da memória” por ter o poder de selecionar o que deve ser lembrado e esquecido. Ao pensarmos a televisão como um lugar de memória, através desses estudos, despertou-nos o interesse sobre a evocação de imagens antigas em narrativas televisuais, presente na segunda versão do *TV Mulher*. Com isso, buscamos o conceito de memória elaborado por Iván Izquierdo:

Memória é a aquisição, a formação, a conservação e a evocação de informações. A aquisição é também chamada de aprendizagem: só se “grava” aquilo que foi *aprendido*. A evocação é também chamada de recordação, lembrança, recuperação. Só *lembramos* aquilo que gravamos, aquilo que foi aprendido. (IZQUIERDO, 2006, p. 9, grifos do autor).

A televisão pode selecionar o que será lembrado e o que será esquecido e, assim como as pessoas, possui o passado em seu acervo de dados, “[...] que nos permite traçar linhas a partir dele, atravessando o efêmero presente em que vivemos, rumo ao futuro” [...] (IZQUIERDO, 2006, p. 9). O autor também nos apresenta o conceito de uma memória *Priming* que é adquirida e evocada por meio de fragmentos, podendo ser de imagens, sons e personagens, como os que analisamos no *TV Mulher*. Nesse sentido, Marialva Barbosa (1995) considera os jornalistas “senhores da memória”. De acordo com a autora, “Ser senhor da memória e do esquecimento é, na verdade, ser detentor do poder de fixar o presente para um futuro próximo ou distante.” (BARBOSA, 1995, p. 99).

De acordo com Pollak, a memória pode ser constituída pela coletividade em “[...] um fenômeno de projeção ou de identificação com determinado passado, tão forte que podemos falar

numa memória quase que herdada” (1992, p. 201). Nessa perspectiva, Bressan Júnior (2017) vê a televisão como um objeto de evocação da memória e propõe o conceito de memória teleafetiva por acreditar que a experiência televisiva é única, também sendo um arquivo para acionar memórias (BRESSAN JÚNIOR, 2017).

[...] a memória teleafetiva é esta que surge das afetividades evocadas pela televisão. Nos telespectadores do Canal Viva, isso ocorre porque há vibrações emocionais que vêm com a experiência televisiva. A TV é um “lugar” de revisitação, que faz voltar no tempo (BRESSAN JÚNIOR, 2017, p. 168).

O autor destaca o fenômeno como:

[...] um prazer em voltar ao passado com as imagens da televisão. Ela agrada, porque traz novamente um laço social, reconstruído com as reminiscências e com as experiências coletivas e individuais atuais do sujeito. Possuímos memória afetiva desde pequenos. Somos formados por sentimentos e as pessoas que estão ao nosso lado auxiliam nisso. Os grupos de referência interferem na aquisição dos sentimentos (BRESSAN JÚNIOR, 2017, p. 168).

Ele também enfatiza que a televisão auxilia “na formação dos afetos, tem a possibilidade de atuar como objeto de evocação da memória”. A narrativa da versão do *TV Mulher* apresentada pelo *Canal Viva* evoca sentidos no encadeamento da memória e da emoção de forma subliminar. Cenas, imagens e sons do *TV Mulher* buscam, no inconsciente, sensações vividas no passado. A emoção está condicionada à memória durante o programa, sendo despertada através da memória *priming* trazida da versão original.

Por meio desses conceitos, percebemos que, ao resgatar a memória, a televisão reforça seu lugar de mandar olhar. Em consequência disso, abre a possibilidade de mostrar aos telespectadores a sua presença no dia a dia, tanto que é capaz de recontar o passado. A partir dessas percepções, guiaremos a nossa análise a fim de problematizarmos e refletirmos sobre a construção da memória na televisão.

3. Quadro metodológico



Para este estudo, utilizamos a Análise de Conteúdo (BARDIN, 2016) de forma quantitativa e qualitativa através dos seguintes passos:

- a) Leitura flutuante;
- b) Escolha do *corpus*;
- c) Formulação de hipóteses e objetivos;
- d) Formulação do problema de pesquisa.
- e)

Primeiramente, fizemos uma análise quantitativa e percebemos que as duas versões do programa *TV Mulher*, da década de 1980 e em 2016, abordavam temas relacionados à economia, direito da mulher, maternidade e sexualidade. Assim, as identificamos como as principais pautas. Dessa forma, estabelecemos as seguintes categorias:

- a) Economia;
- b) Maternidade;
- c) Sexualidade;
- d) Direito da mulher.

Esses dados se tornaram representativos por indicarem características do objeto analisado e proporcionarem uma primeira percepção sobre o retorno do programa 36 anos após sua primeira versão: as reivindicações das mulheres permaneceram nas mesmas temáticas. Na segunda etapa, nos baseamos no referencial teórico para criar duas categorias: Emoção e Memória. Uma vez que esse sistema “é válido se puder ser aplicado com precisão ao conjunto da informação e se for produtivo no plano das inferências” (BARDIN, 2016, p. 61). Após essas escolhas, nossa organização consistiu em tabelar elementos visuais e textuais do *corpus* que possibilitaram a visualização de inferências.

Uma vez escolhidos os índices, procede-se à construção de indicadores precisos e seguros. Desde a pré-análise devem ser determinadas as operações de recorte do texto em unidades comparáveis de categorização para análise temática e de modalidade de codificação para o registro dos dados. (BARDIN, 2016, p. 130, grifos da autora).

A última etapa metodológica consistiu no método de análise de programas jornalísticos televisivos, através da Análise dos Modos de Endereçamento, proposto por Itania Gomes (2011).

[...] o conceito de modo de endereçamento se refere ao modo como um determinado programa se relaciona com sua audiência a partir da construção de um estilo, que o identifica e que o diferencia dos demais. Ele permite verificar como instituição social e forma cultural se atualizam num programa específico. (GOMES, 2011, p. 36).

Para tanto, utilizamos os operadores de modos de endereçamento de forma articulada, conforme orientado pela autora. Os operadores são:

- a) Mediador (apresentador ou âncora, comentaristas, correspondentes, repórteres) – Posicionamento e vínculo com os telespectadores;
- b) Contexto comunicativo – Leva em conta o emissor, o receptor e o tempo em que o processo se dá;
- c) Pacto sobre o papel do jornalismo – Acordo estabelecido sobre o que o telespectador espera e o que o programa oferece;
- d) Organização temática – Analisa como a temática é bordada.

4. Resultados das análises

Conforme os passos descritos anteriormente, destacamos as semelhanças e as diferenças nas abordagens dos temas (economia, maternidade, sexualidade e direito da mulher) nas duas versões do *TV Mulher*. A partir dessa comparação, identificamos que o programa de 1980 valorizava a importância da mulher para a economia doméstica, limitando-se ao lar. Em 2016, ressaltava o seu protagonismo social em todos os âmbitos, como seu papel na economia do País e no mercado de trabalho.

A maternidade até hoje é um símbolo forte feminino, considerado, até mesmo, como uma missão ou, ainda, obrigação. Em ambas as entrevistas sobre o tema, de Marília Gabriela com Elis Regina (1980) e com Maria Rita (2016), é reconhecida a importância desse papel e a dificuldade das mães de baixa renda que não têm acesso a creches. Porém, a escolha das

mulheres por não terem filhos não foi referenciada, reforçando o estereótipo da mulher como mãe.

[...] Eu não sei mais como é a maternidade, eu fui uma mãe muito atrapalhada. Um peso enorme naquela liberdade que eu quis tanto, eu fui mãe tão cedo. Você também... E depois vieram culpas, você já não deve ter tido culpa alguma. (TV MULHER, 2016 [MARÍLIA GABRIELA]).

Em 1980, telespectadoras tiravam dúvidas sobre sexualidade através de cartas enviadas para o programa, enquanto a nova versão foi responsável por trazer reflexões gerais sobre o tema. Uma das questões levantadas nesse quadro, em 2016, foi o poliamor, que ainda é visto como um tabu. Enquanto, na versão original, uma das perguntas era sobre a virgindade.

Em relação à audiência, na década de 1980, era engajada pelo público ter interesse no conteúdo que era ensinado, explicado e debatido. Em 2016, o *TV Mulher* mostra novas percepções da sexualidade e do comportamento feminino diante de seu protagonismo, revelando o amadurecimento das mulheres diante de seu papel social. Ressaltamos que, nos anos 1980, a sociedade não tinha abertura para falar sobre sexualidade, nem dentro do âmbito familiar, ainda mais se tratando das mulheres que eram reprimidas, em nome da pureza, para conquistarem um marido.

Sobre os direitos das mulheres, hoje as leis ainda não são suficientes para que elas sejam respeitadas. O direito sobre o corpo da mulher ainda é questionado e, mesmo após três décadas de discussões na televisão, o aborto é crime. A violência doméstica também é um assunto recorrente nas duas versões, a diferença é que, agora, as mulheres denunciam seus agressores, mas, na maioria das vezes, não recebem proteção necessária e acabam sendo vítimas de feminicídio, que consiste no assassinato de mulheres em consequência do gênero.

Ao analisamos as categorias “Emoção” e “Memória”, de forma articulada, com base no referencial teórico, compreendemos a narrativa do programa, que trabalha com as duas simultaneamente. A emoção faz parte da construção da narrativa da nova versão do *TV Mulher*, porque emociona, recorda o passado e discute as mudanças sociais. A memória, por sua vez, é uma estratégia utilizada por meio do inconsciente do telespectador. Apontamos que a televisão é socializadora por gerar emoções (FERRÉS, 1998).

Além do mais, encontramos elementos que indicam a importância da televisão como um lugar de memória (NORA, 1993). É o caso do papel social do *TV Mulher* que é retomado quando ele volta ao ar, em 2016, com a estratégia de mostrar a história das mulheres na televisão. Com isso, o próprio veículo reconhece sua importância ao registrar as transformações das mulheres nos anos 1980, reafirmando, dessa maneira, seu lugar de referência (VIZEU, 2009).

Identificamos que o objetivo do programa foi demonstrar sua importância como um arquivo/registro. Ou seja, como um lugar de memória, no qual é possível pesquisar o passado e compreender a evolução dos papéis sociais. A relevância dos jornalistas está na responsabilidade pelo conteúdo que é selecionado para entrar mais uma vez no ar. Eles possuem o poder de construir o presente, no primeiro momento, e reconstruir o passado através do que é escolhido para ser recordado (BARBOSA, 1995).

Entendemos que a memória da representação feminina é construída pelo *TV Mulher*, em 1980, quando registra as transformações sociais das mulheres e, em 2016, quando cria seu *remake* com intuito de retratar os mesmos temas de forma atualizada, criando, assim, um perfil da mulher em duas épocas separadas por 36 anos. A abordagem de 1980 era pedagógica, com o intuito de preparar suas telespectadoras para um mundo que estava se abrindo para elas. Em 2016, os temas são mais críticos e questionadores sobre o que não mudou em 36 anos.

Através dos operadores de análise dos modos de endereçamento propostos por Itania Gomes (2011), compreendemos de que forma o *TV Mulher* se relaciona com a audiência. Assim, constatamos que o programa de 1980 se destinava às donas de casa, e, por isso, atenuava suas inquietações, já que elas não tinham acesso a essas discussões. Percebe-se que era marcado pela proximidade e credibilidade encontradas em seus apresentadores: uma jornalista (Marília Gabriela), um advogado (Ney Gonçalves Dias) e uma sexóloga (Marta Suplicy).

O programa sempre esteve muito próximo aos seus telespectadores. Em 1980, a interatividade se dava através de cartas que eram selecionadas e respondidas. O *TV Mulher* tinha um papel educativo, porque esclarecia dúvidas e, inclusive, tentava encontrar soluções, como o apoio jurídico gratuito. O *TV Mulher* de 2016 se relaciona com a audiência através de estratégias narrativas que utilizam a emoção e a memória.

Identificamos que o programa de 2016 destinava-se às mesmas mulheres que assistiram à versão original, dessa vez trazendo uma atualização da agenda feminina. Em relação ao contexto comunicativo, em 1980 a televisão brasileira tinha forte influência na vida dos brasileiros, diferente de 2016, em que o veículo disputa a atenção do telespectador com múltiplas plataformas oferecidas pela internet.

O uso de fragmentos de memória na narrativa cativa a audiência através das memórias afetivas e teleafetivas. Por isso, as mulheres que assistiram a primeira versão assistiram novamente para recordar e entender a nova proposta. A nova geração assistiu ao programa a convite dessas mulheres ou, até mesmo, motivada pela memória herdada.

5. Considerações finais

É inquestionável a pertinência do *TV Mulher* para as mulheres em 1980. O programa ocupou um lugar de referência e de mandar olhar em um momento em que as mulheres não eram respeitadas e suas reivindicações contestadas. Ainda hoje os homens estão à frente das mulheres. Mesmo com informações acessíveis sobre a igualdade de gênero e ocupando um espaço de maior protagonismo, as mulheres ainda são vítimas do machismo que está enraizado na sociedade.

A TV é responsável, através de suas imagens, por mostrar a sociedade em diferentes épocas. Possibilitando, assim, o resgate dessa memória, consistindo em um lugar onde é possível revisitar realidades. No caso da segunda versão do programa, o resgate dessas lembranças trouxe recordações agradáveis que socializam a audiência e instigaram novos debates que impulsionam transformações.

Ela constrói a memória da representação feminina e da sociedade em programas e novelas pelo fato de apresentar a história narrada em imagens. Hoje, o passado pode ser recuperado, porque a televisão estava lá e registrou, consistindo em um instrumento de preservação. Assim como a primeira versão teve sua importância por arquivar a realidade da época, a versão de 2016, por sua vez, tem sua importância ao trazer o passado, mostrando as transformações sociais e adaptando os conteúdos para o contexto atual, preservando e revisitando memórias.

Por fim, a televisão oferece o ambiente necessário para que as causas que as mulheres reivindicam sejam conquistadas. A memória feminina das duas épocas foi criada durante as duas versões do programa. Com o *TV Mulher*, foi possível compreender os preconceitos vividos, as discussões em debate e o modo de viver de cada época. É claro que a televisão e os seus produtores de conteúdos apresentam essas informações através de suas visões de mundo, podendo distorcer elementos, mas o que nos interessa, neste momento, é refletir sobre o papel desse veículo de comunicação em contar e recontar a nossa história.

É importante considerar um dado recente: nas eleições gerais realizadas no Brasil em 2018, pela primeira vez na história, o número de eleitoras foi maior do que o de eleitores. Elas representaram 52% do eleitorado. Não podemos esquecer que, até 1932, elas não tinham direito ao voto. Ou seja, as mulheres estão se fazendo presentes, alcançando novos espaços e, mais do que isso, se posicionando.

A partir disso, concluímos que a televisão constrói a memória do Brasil ao registrar a realidade da sociedade e seus conteúdos poderem ser revisitados em diferentes épocas, constituindo-se em um lugar de memória, aumentando, assim, a responsabilidade dos profissionais de televisão ao criarem e reeditarem seus conteúdos. Afinal, é essa a memória que será guardada e apresentada às futuras gerações.

Também apontamos a significância das emissoras disponibilizarem seus arquivos ao público, além de terem o cuidado de preservá-los. No caso desta pesquisa, contamos com a colaboração da *Globo Universidade* para termos acesso aos conteúdos do programa de 1980. Após passarmos por um processo burocrático que durou mais de dois anos, nos foi enviado dois DVDs contendo quatro arquivos incompletos que possibilitaram este estudo.

Referências

BARBOSA, Marialva. Senhores da Memória. **Ver. Bras. De Com.**, São Paulo, v. XVIII, n. 2, p. 84-101, jul./dez. 1995.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70/Almedina Brasil, 2016.

BRESSAN JUNIOR, Mario Abel. **A memória afetiva e os telespectadores: Um estudo do Canal Viva**. 2017. 183f. Tese (Doutorado em Comunicação Social) – Programa de Pós-



Graduação em Comunicação Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017.

BRITES, Francielly. **TV Mulher: Do passado ao presente. A construção da memória sobre a representação feminina.** 2018. 112f. Dissertação. (Mestrado em Comunicação e Informação) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias.** São Paulo: Contexto, 2013.

ECO, Umberto. **Viagem na irrealidade cotidiana.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

FERRÉS, Joan. **Televisão Subliminar: socializando através de comunicações despercebidas.** Porto Alegre: Artmed, 1998.

GOMES, Itania Maria Mota. Metodologia de Análise de Telejornalismo. In: GOMES, Itania Maria Mota (Org). **Gênero televisivo e modos de endereçamento no telejornalismo.** Salvador: EDUFBA, 2011, p. 17-47.

IZQUIERDO, Iván. **Memória.** Porto Alegre: Artmed, 2006.

LUZ, Inês Pereira da. **“A Nova Mulher”. As Contradições do Modelo Feminino na TV-MULHER.** Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) - Instituto Metodista de Ensino Superior, São Bernardo do Campo, 1988.

MEDITSCH, Eduardo. Jornalismo e construção social do acontecimento. In: BENETTI, Marcia; FONSECA, Virginia Pradelina da Silveira (Orgs.). **Jornalismo e acontecimento: mapeamentos críticos.** Florianópolis: Insular, 2010. p. 19-42.

MOFO TV. TV Mulher (1980): Elis Regina conversa com Marília Gabriela – parte 1. **Youtube**, 24 mar. 2015a. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=6ci4h57ji_Q>. Acesso em: 12 fev. 2018.

_____. TV Mulher (1980): Elis Regina conversa com Marília Gabriela – parte 2. **Youtube**, 24 mar. 2015b. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=HAHBxfk5uX4>>. Acesso em: 12 fev. 2018.

MUSSE, Christina Ferraz; THOMÉ, Claudia. Telejornalismo e Poder: memórias (re)construídas pelo "Jornal Nacional". In: EMERIM, Cárilda, FINGER, Cristiane;

PORCELLO, Flávio (Orgs.). **Telejornalismo e Poder.** Florianópolis: Insular, 2016. p. 65-83.

NORA, Pierre. Entre memória e história: A problemática dos lugares. **Revista Projeto História**, São Paulo, v. 10, p. 7-28, dez. 1993.



Rev. Memorare, Tubarão, v.5, n.3, p. 86-100 set/dez. 2018. ISSN: 2358-0593

PARK, Robert E. A notícia como forma de conhecimento: um capítulo dentro da sociologia do conhecimento. In. BERGER, Christa; MAROCCO, Beatriz (Orgs.). **A era glacial do jornalismo: teorias sociais da imprensa**. Porto Alegre: Sulina, 2008. v. 2, p. 51-70.

POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.

REDE GLOBO. **TV Mulher**. Rio de Janeiro: Rede Globo, 02 abr. 1982. Programa de TV.

_____. **TV Mulher**. Rio de Janeiro: Rede Globo, 07 abr. 1980. Programa de TV.

_____. **TV Mulher**. Rio de Janeiro: Rede Globo, 09 mar. 1981. Programa de TV.

VIZEU, Alfredo. O telejornalismo como lugar de referência e a função pedagógica. **Revista Famecos**, v. 1, n. 40, 2009.

Submetido em: 30/10/2018. Aprovado em: 30/11/2018.